

O Ensino da Antiguidade a partir da Cultura Material: as possibilidades da Coleção Mediterrânea do Museu Nacional da UFRJ

Sandra Ferreira dos Santos¹, Evelyne Azevedo², Silvia Reis³

A Coleção Teresa Cristina do Museu Nacional da Quinta da Boa Vista compreende um acervo arqueológico de peças mediterrâneas da península itálica e da Grécia. Trata-se de peças romanas, gregas e de colônias gregas do sul da Itália - região da Magna Grécia - que foram, em sua maioria, trazidas pela Imperatriz Teresa Cristina à época de seu casamento com D. Pedro II e sua vinda para o Brasil. São peças de extrema importância por se apresentarem como objetos da vida cotidiana ligados a diversos temas relacionados àquelas sociedades antigas.

O Museu Nacional possui uma parceria com o Colégio Pedro II, do qual recebe anualmente alunos a partir do Programa de Iniciação Científica Júnior. Os alunos recebidos pela Seção de Assistência ao Ensino (SAE - <http://saemuseunacional.wordpress.com/>) participam como estagiários em seus laboratórios. Alguns desses alunos também participam como mediadores durante visitas do público às coleções permanentes do museu e, para isso, são preparados por especialistas para que estejam aptos a informar e atender os visitantes. A apresentação da coleção Tereza Cristina aos mediadores de uma das turmas foi feita por uma das autoras, que procurou transmitir as possibilidades da coleção de responder e de informar sobre as sociedades grega, magno-grega e romana na Antiguidade.

Para o visitante leigo que vem ao Museu Nacional, a coleção Tereza Cristina não desperta, a princípio, grande interesse. A referida coleção encontra-se situada em dois ambientes: um corredor – no qual estão colocados vasos pintados gregos e magno-gregos dos séculos V e IV a.C – e uma sala, na qual estão outros vasos e objetos de uso pessoal, gregos e do período romano. Em geral, os vasos gregos de cerâmica pintados são belos e por este motivo são olhados pelo público, mas de forma não muito aprofundada. O que se tentou apresentar para os alunos do Colégio Pedro II, para que eles trouxessem ao público, é que estes vasos e demais objetos são profundamente interessantes, pois podem nos remeter às técnicas e formas de produção, rotas de comércio, intercâmbios culturais, valores, costumes e formas de viver daquelas sociedades. Fica claro que para que aqueles ambientes se tornem atrativos ao público é preciso ressaltar as temáticas que aqueles objetos despertam.



Foto 1: Primeira sala da exposição Tereza Cristina/Museu Nacional/UFRJ.
Autora: Sandra Ferreira

Grande parte das peças da Coleção Tereza Cristina apresenta temáticas ligadas ao universo feminino, não só em cenas dos vasos, mas também em objetos pessoais – adornos e objetos de toalete. A partir do final do Século V a.C. esta temática cresceu em importância no mundo grego e grande parte dos vasos apresentam cenas contendo mulheres. Isto nos dá a oportunidade de questionar sobre os modelos estigmatizados da mulher na Grécia Antiga, em especial nas áreas coloniais - seus papéis, comportamentos, suas tarefas, sua vida em geral. A comparação com o modelo ateniense, em especial, nos mostra mudanças e interações culturais nas demais regiões do mundo grego.

O fato de termos uma coleção tão marcadamente “feminina” levanta questões sobre a sua formação. Tendo sido trazida pela imperatriz e, posteriormente, completada com remessas de seu irmão, podemos nos perguntar se os itens da coleção foram objeto de uma escolha. As correspondências entre Tereza Cristina e seu irmão, Ferdinando II, mostram solicitações da imperatriz para que fossem enviados objetos para o Brasil, não só arqueológicos, como mineralógicos e geológicos – estes últimos provenientes do Vesúvio. No entanto, até o momento, não foram encontrados indícios de que a imperatriz ou seu irmão tivessem escolhido peças ligadas às mulheres por conta de se tratar de uma coleção pertencente a uma mulher. Esta possibilidade, entretanto, não é de todo implausível.



Fotos 2 e 3: Apresentação da coleção aos alunos mediadores do Colégio Pedro II. Autora: Adilson Salles



Fotos 4 e 5: Apresentação da coleção aos alunos mediadores do Colégio Pedro II. Autora: Adilson Salles

Além do tema ligado a mulheres, temos também o teatro e o Deus Dioniso – deus grego do vinho, do teatro e da festa - cuja imagem ou simbologia, aparecem em profusão. O local onde os vasos foram encontrados e as formas dos vasos também nos dão pistas sobre o seu uso e sobre a valorização, pela sociedade, daqueles costumes. Por exemplo, a grande quantidade de crateras – vasos usados para misturas os vinhos nos banquetes – demonstram a importância dessas ocasiões para aquela sociedade. Além disso, do final do século V a.C. em diante, período no qual foi fabricada a grande maioria dos objetos presentes na coleção, o teatro estava em decadência em Atenas, mas em franca expansão nas colônias do sul da Itália, fato também demonstrado pela presença maciça de vasos com cenas de teatro e com imagens de Dioniso. A presença constante deste deus também nos apresenta outros caminhos seguidos pela religião

grega e outras concepções sobre a morte, em especial na região colonial, onde os cultos de mistérios ligados a Dioniso se multiplicaram a partir do século IV a.C.

Os estilos da pintura remetem a um período bastante específico da história da arte grega, demonstrando persistência de antigas técnicas e o surgimento de novas formas de desenhar, colorir e expressar valores. As características de alguns pintores são bastante evidentes e puderam ser observadas pelos alunos. O estilo e a qualidade dos traços também foram questionados e analisados, conhecendo-se a situação histórica e social da Grécia no período de fabricação daqueles objetos.

Sobre a possibilidade de a iconografia nos fornecer imagens reais sobre a sociedade na qual está inserida, muitos aspectos foram levantados, pois apesar de ser fundamental no estudo de qualquer sociedade, ela pode trazer algumas armadilhas. Uma imagem nunca é um “retrato” no qual podemos ter a certeza de estarmos vendo o que de fato acontecia. Pinturas podem expressar a imaginação do pintor; os desejos de quem encomendou o vaso; as preferências do mercado. Através dela, valores sociais e modelos são passados, mas não, necessariamente, a realidade. No entanto, a iconografia nos mostra o que é possível, pois não se pode pintar aquilo que não se conhece. Se um vaso mostra mulheres fiando é sinal que algumas mulheres, ao menos, fiavam ou costumavam fazer isso. Pode ser que aquele fosse um modelo ideal de mulher que não mais era adotado pela totalidade das mulheres, mas era algo que as mulheres em algum momento ou dentro de um determinado grupo, faziam.

Na segunda sala, além das temáticas dos vasos, rotas de comércio e produção, foram trabalhados também outros assuntos. Objetos utilizados por cavaleiros, ânforas de vinho e azeite trazem a vida do homem comum - grego e romano - à tona. Amuletos fálicos e pequenas estátuas votivas levantam inúmeras questões sobre magia e religião, crenças e usos de objetos mágicos. Imagens ligadas à mitologia invadem o imaginário e explicam muito sobre as sociedades do passado.

Também nesta sala temos uma vitrine do período romano, com objetos provenientes de Pompéia. Nela, voltamos ao universo feminino e podemos questionar sobre persistências culturais e de gênero ao longo de toda a Antiguidade. Espelhos, joias, cosméticos e perfumes trazem representações sobre as mulheres romanas, seus costumes e valores. A partir de uma coleção de lamparinas, ainda, podemos perceber as hierarquias sociais na sociedade romana e os simbolismos ligados às crenças funerárias.

Os afrescos de Pompéia coroam a exposição. Segundo informações, eles seriam provenientes do templo de Isis, naquela cidade, e simbolizam toda uma cultura e um modo de viver da sociedade romana daquele período. Merecem um detalhamento sobre os gostos e as

técnicas usadas nas pinturas murais, sobre os comportamentos e formas de viver que muito dizem sobre os moradores de Pompéia e sobre os grupos abastados da sociedade romana como um todo. Além disso, a presença de um templo de uma deusa egípcia em uma cidade romana também merece uma explicação, dada a partir da fusão de inúmeros elementos religiosos a partir do período helenístico.

A forma como a coleção foi exposta aos mediadores, trouxe um novo olhar e uma nova interpretação dos elementos da iconografia e dos objetos em si, aumentando o interesse dos alunos pela exposição e demonstrando que uma abordagem histórica e arqueológica levanta inúmeras questões interessantes, que podem mudar a forma como os visitantes encaram as coleções dos museus. Temáticas ligadas à vida cotidiana das sociedades do passado despertam interesse porque nos aproximam delas, transformando o que era estranho em algo familiar, expressando as necessidades, os desejos e as inquietações daqueles povos, inquietações também estão presentes no mundo atual. Ficou evidente que a inserção das pesquisas desenvolvidas nas áreas da História e da Arqueologia Clássica podem contribuir para oferecer um novo olhar sobre as coleções de museus e sobre as possíveis narrativas de mediação das exposições frente ao público em geral, que fazem com que as peças expostas deixem de ser vistas como objetos exóticos e belos para se tornarem, efetivamente, agentes de conhecimento e de transformação.

Considerando a quantidade de pessoas que passam pela exposição todos os anos, uma abordagem que aumente as possibilidades de transmissão de conhecimento a este público, é fundamental. Para termos ideia desses números, segundo informações do órgão responsável, somente durante o ano de 2013, passaram pela exposição do Museu Nacional 275.454 visitantes, além de terem sido recebidas 882 escolas, com 36.171 estudantes, totalizando 311.625 pessoas.

Notas

¹ Doutoranda em Arqueologia (Museu Nacional/UFRJ), Mestre em História Comparada (PPGHC/UFRJ), Graduação em História pela UFRJ. Pesquisa temas ligados à Grécia Antiga, história das mulheres e das concepções de gênero e simbolismos da morte e dos espaços funerários.

² Doutoranda em Arqueologia (Museu Nacional/UFRJ), Mestre em História da Arte (PPGH/UNICAMP), Graduação em Artes pela UERJ e em História pela UFF. Pesquisa temas ligados à arte antiga e a recepção do Egito na arte ocidental.

³ Bioarqueóloga do Departamento de Antropologia, Museu Nacional. Doutoranda em Arqueologia (Museu Nacional/UFRJ), Mestre em História Comparada (PPGHC/UFRJ), Graduação em Ciências Sociais pela UFF.